



ESTUDOS EM ESCATOLOGIA BÍBLICA E ESPÍRITO DE PROFECIA

UMA NOVA ORDEM DE COISAS

Parte 3

Como Purificar a Igreja para os Acontecimentos Finais

“O tempo presente é de dominante interesse para todo o vivente. Governadores e estadistas, homens que ocupam posições de confiança e autoridade, homens e mulheres pensantes de todas as classes, têm sua atenção posta nos acontecimentos que tomam lugar ao nosso redor. **Estão observando as relações que existem entre as nações.** Eles examinam a intensidade que está tomando posse de cada elemento terreno, e reconhecem que algo grande e decisivo está para acontecer – que o mundo está no limiar de uma crise estupenda. PR, 537

“As calamidades em terra e mar, as condições sociais agitadas, os rumores de guerra, são portentosos. Prenunciam a proximidade de acontecimentos da maior importância. **As forças do mal estão-se arregimentando e consolidando-se.** Elas se estão robustecendo para a última crise. **Grandes mudanças estão prestes a operar-se no mundo, e os acontecimentos finais serão rápidos.** 3 TS, 280

Tempos Turbulentos que Ocorrerão em Breve

“O tempo de angústia, que há de aumentar até o fim, está muito próximo. **Não temos tempo a perder.** O mundo está agitado com o espírito de guerra. As profecias do capítulo onze de Daniel quase atingiram o seu cumprimento.”

Review and Herald, 24 de novembro de 1904

“O tempo de angústia – angústia qual nunca houve, desde que houve nação [Daniel 12:1] – está precisamente sobre nós, e somos semelhantes às virgens adormecidas. Devemos acordar e pedir que o Senhor Jesus ponha debaixo de nós os Seus braços eternos e nos conduza durante o tempo de provações à nossa frente.”

3 MR, 305 (1906)

“O mundo está-se tornando cada vez mais iníquo. Em breve surgirá grande perturbação entre as nações – perturbação que não cessará até que Jesus venha.”

Review and Herald, 11 de fevereiro de 1904

“Estamos mesmo no limiar do tempo de angústia, e acham-se diante de nós perplexidades com que dificilmente sonhamos.”

3 TS, 306

“Estamos no limiar da crise dos séculos. Em rápida sucessão os juízos de Deus se seguirão uns aos outros – fogo, inundações e terremotos, com guerras e derramamento de sangue.”

PR, 278

“Há perante nós tempos tempestuosos, mas não pronunciemos uma só palavra de incredulidade ou desânimo.”

SC, 136

“Uma grande crise aguarda ao povo de Deus. Uma crise aguarda ao mundo. A mais momentosa luta de todos os séculos está justamente à nossa frente. ...Mas estaremos prontos para o acontecimento? Temo-nos desincumbido fielmente do dever que Deus nos confiou, de dar ao povo a advertência quanto ao perigo que têm pela frente? ...Se Deus nos proporcionou luz que mostra os perigos à nossa frente, como poderemos subsistir perante Ele se negligenciarmos de envidar todos os esforços que pudermos para apresentá-la ao povo? Poderemos contentar-nos com deixá-los a ir ao encontro desse acontecimento momentoso sem os advertir? ...Nós como um povo não temos cumprido a obra que Deus nos confiou. Não estamos preparados para o desfecho ao qual nos levará a imposição da lei dominical. É nosso dever, ao vermos os sinais do perigo que se aproxima, despertar-nos para a ação. ...O povo deve ser despertado em relação aos perigos do tempo presente. Os atalhias estão adormecidos. ...Deus nos convida a despertarmo-nos, pois está perto o fim.”

2 TS, 318-323

“Devemos estudar os grandes sinaleiros da estrada que indicam os tempos em que vivemos.”

Nossa Alta Vocação, 338

“Demorai-vos perante Ele em humildade de coração. Orai com o máximo fervor por compreensão dos tempos em que vivemos, por mais plena concepção de Seu desígnio”...

2 ME, 400

“À medida que nos aproximamos do termo da história deste mundo, as profecias referentes aos últimos dias exigem nosso estudo especial.”

PJ, 133

CONFLITO E DIÁLOGO:

O Pr. Marcos Shultz, presidente da Associação Mineira Central da IASD redige artigos valiosos, publicados esporadicamente em edições do importante diário brasileiro *O Estado de Minas*. Discutindo o tema da tolerância no confronto ideológico religioso em excelente artigo recentemente publicado, ele trata do relacionamento ideal entre pessoas de diferentes convicções religiosas no mundo lá fora. Enquanto isso, noutra excelente material para reflexão e estudo, John McLarty, editor de *Adventist Today*, fala de ideal semelhante no seio da nossa própria comunidade de fé. São dois artigos que vale a pena ler e manter em arquivo, abaixo reproduzidos para ambos propósitos.

PLURALISMO RELIGIOSO

“ . . . Se tu diferes de mim, em vez de me prejudicar, tu me enriqueces. . . ”

Marcos Osmar Schultz*

A morte do bispo católico John Joseph com um tiro na cabeça diante de um tribunal islâmico no Paquistão comprova que mesmo na era da globalização, diferenças religiosas, étnicas ou políticas ainda conseguem atear paixões. Seu protesto extremado evitou que o jovem cristão Ayoud Masih, acusado de blasfêmia contra Maomé, fosse condenado à morte e impôs aos intérpretes do Corão e ao mundo a reflexão sobre a liberdade em uma sociedade pluralista.

No século que chega ao fim, a humanidade experimentou mudanças profundas. Entre elas a quebra da mentalidade excludente, monolítica. O monolitismo ideológico e social foi superado pelo pluralismo e suas implicações práticas em todos os campos, inclusive o religioso.

A consciência da unidade da humanidade passou a exigir o diálogo de diferentes identidades que se enriquecem mutuamente. A passagem do monolitismo para o pluralismo despertou atitudes de tolerância, respeito e diálogo entre pessoas de convicções diferentes que podem divergir sem, contudo, dominar a consciência.

Legislação opressiva, posturas arbitrárias e intolerantes têm tentado, ao longo das eras, reger a consciência pelo medo e pela força. A desconsideração do direito que têm as pessoas de dispor do seu destino sem pressões, história afora, vem promovendo registros de constrangimentos pela crueldade, de violações dos direitos humanos, de torturas físicas e até mortes, além da aplicação do rótulo de rebeldes, hereges e malditos aos que pensam ou crêem diferentemente.

Essa liberação das consciências elimina os esforços absurdos de pessoas que até subjugam as afeições naturais para evitar relacionamentos com aqueles que professam crenças diferentes das suas, como se fosse ofensivo a Deus todo pensamento e sentimento de simpatia para com os de outra fé. Há, ainda, aqueles que cristalizam de tal forma as criações mentais com base nos preceitos religiosos transformados em dogmas que dificilmente, concebem ou aceitam esclarecimentos novos. Sem faltar também as atitudes de desprezo ao “outro”, praticadas pelo proselitismo selvagem, abusivo, incapaz de respeitar a dignidade alheia.

O exercício da fé deve ser voluntário, livre e recebido sem constrangimentos. Com o auxílio do Espírito Santo, que guia à verdade (João 16:13) devemos formar nossas opiniões por nós mesmos, visto termos de responder por nós mesmos diante de Deus. E Deus nunca força a consciência. Cada qual, de acordo com os ditames de sua consciência, através de atos internos livres, deve empenhar-se na busca da verdade. Deus é o Seu próprio intérprete. Como também a Bíblia, revelação sobrenatural de Sua vontade, desvenda a si própria. O princípio fundamental da hermenêutica sustenta que a Bíblia interpreta a própria Bíblia. Se o texto não é claro, busca-se o contexto.

Pluralismo religioso não implica em uniformização de procedimentos, ausência de convicções ou mesmo a idéia de que tudo é certo. Ele assume o seu pleno significado no vasto contexto dos direitos do homem e deriva do princípio de que, independente de nossas diferenças, devemos nos amar mutuamente e tratar a todos como gostaríamos de ser tratados. (João 15:12; Mateus 7:12). Podemos defender princípios sem repudiar pessoas. Ou mesmo crescermos nessa convivência entre contrários. Como dizia Saint Exupery sobre os que preferem caminhos diferentes: “Se tu diferes de mim, em vez de me prejudicar, tu me enriqueces”.

*O Pr. Marcos O. Schultz é presidente da Associação Mineira Central da Igreja Adventista do Sétimo Dia (Belo Horizonte, MG.) Reproduzido de artigo do diário belo-horizontino, *O Estado de Minas*

Qual a Diferença Entre Doutrina e Teologia?

John McLarty*

Há muitos conflitos na Igreja Adventista hoje: liberais *versus* conservadores, ordenação de mulheres em contraste com somente para homens, significado dos selos e trombetas apocalípticos, canonização de Ellen White contra *Sola Scriptura*, justificação pela fé segundo a Reforma do século XVI em vista das posições dos adeptos das teses de 1888, congregacionalistas diante dos hierarquistas, e assim por diante.

O que fazer? Uma solução simplista seria ter um profeta ou concílio eclesiástico emitindo uma declaração de fé definitiva e indiscutível. A quem discordar se apontará a porta de saída. Há, porém, vários problemas com esse método. Primeiramente, Deus nunca operou dessa forma no passado. Conquanto Deus falasse com Moisés “face a face” (Êxo. 33:11), o Pentateuco não constituiu uma declaração da verdade definitiva e para sempre. Vieram Isaías, Jeremias e Daniel e acrescentaram material substancialmente diferente.

O concílio da igreja relatado em Atos 15 nada fala sobre o sábado, o santuário, a segunda vinda ou o que ocorre aos homens quando morrem. E Ellen White não deixou diretrizes explícitas com respeito a ações judiciais quanto ao nome denominacional, a participação de cristãos na Amway ou o uso de corações de babuínos em seres humanos.

Deus não responde as nossas indagações antes do tempo apropriado. Isso nos deixa espaço para estudar, argumentar, debater, orar, ouvir, meditar. E nos leva a um segundo problema com o método do “apenas nos dê uma declaração de fé definitiva”: nosso desenvolvimento de caráter mediante luta. Se Deus dispensasse respostas prontas falharíamos em atingir nosso pleno potencial, individual e corporativamente. Precisamos do crescimento que se dá ao reagirmos honesta e cortesmente ao conflito.

Como pastor, eu não sabia como resolver todos os conflitos em minha congregação. Como pai, não posso eliminar todas as discussões entre meus filhos. E não existe processo certinho pelo qual se possa resolver sem esforços todos os conflitos em nossa denominação. Mas há um ingrediente nos conflitos congregacionais e familiares que freqüentemente está faltando em nossas batalhas denominacionais: interação face a face.

Quão freqüentemente proponentes da ordenação de mulheres convidam opositores para um jantar na sexta-feira? Quantas vezes os que admitem a justificação pela fé segundo os conceitos da “Comissão de Estudo da Mensagem de 1888” e da Reforma Protestante se sentam para conversar uns com os outros? Falamos muito uns dos outros, mas não uns com os outros. Avidamente ouvimos rumores sobre “os opositores”, mas nunca temos um almoço conjunto.

Se quisermos tornar os conflitos atuais uma oportunidade para crescimento espiritual, devemos realçar o contato face a face. Reuniões secretas que excluem um partido ou outro num conflito são jogos de poder que não devem ter lugar na igreja de Deus. Mesmo a simples negligência em buscar aqueles que sabemos discordar de nós é uma falha em entesourar a comunhão cristã que Deus tem como ideal para o Seu povo. Se quisermos ter uma igreja saudável, devemos insistir em que os crentes que discordam uns dos outros falem uns com os outros, ouçam uns aos outros.

Esse tipo de interação direta não extinguirá toda animosidade como num passe de mágica. Certamente não resolverá automaticamente todas as discordâncias. Mas mudará a natureza do discurso. Já se sentou com alguém que tinha idéias “ruins” e perguntou--“Por que pensa desse modo?” e daí simplesmente passou a ouvir o que tinha a dizer? Sem argumentar, sem buscar corrigir? Já apenas dedicou-se a ouvir? Ficaré surpreso com o muito que poderá aprender, mesmo de pessoas malucas, heréticas e fanáticas. Sim, mesmo de seus inimigos.

Dada a natureza complexa das pessoas e do universo, as discordâncias não desaparecerão. Não encontraremos uma declaração conjunta que expresse perfeitamente a fé de cada um de nós. Mas mediante a comunicação face a face e a dedicada insistência em considerar outros mais altamente do que a nós mesmos (Romanos 12:10), podemos edificar uma comunidade em que nossas discordâncias nos conduzirão para mais perto da verdade e uns dos outros.

DOCTRINA E TEOLOGIA

Algumas pessoas na igreja gostariam que voltássemos à suposta “era de ouro” do adventismo quando a denominação representava um estilo de leitura da Bíblia e cosmovisão coerente e monolítica. Para atingir esse tipo de uniformidade teríamos que nos livrar de muitos, senão da maioria, de nossos eruditos (profissionais e amadores). A verdade é que se duas pessoas quaisquer passarem tempo suficiente estudando algum tema complexo, chegarão a pelo menos conclusões ligeiramente divergentes. E que tema é mais complexo do que Deus e a interação humana com Ele?

Por outro lado, também não existiu nenhuma era de ouro. Tiago White discordava vigorosamente de Urias Smith sobre interpretação profética. Ele suprimiu seus pontos de vista a fim de que a denominação em crescimento não tivesse que investir energia deliberando sobre posições ideológicas rivais. No final do século XIX houve intensa discordância sobre o processo de salvação e divindade de Cristo no seio do adventismo do sétimo dia.

Pessoas que pensam e estudam não podem ser simplesmente confinadas numa caixa. Sempre assim tem sido. Portanto, qual é a validade da denominação e suas declarações doutrinárias? Simplesmente isto: ela nos dá um centro mediante o qual podemos ligar-nos uns aos outros a despeito de nossa diversidade. A igreja carece de um cerne formal de doutrina que defina o adventismo normativo. Vinte e sete cláusulas podem ser demais, contudo deve haver mais do que um “creio na Bíblia” ou “creio em Jesus”.

* John McLarty é editor de *Adventist Today*, publicação da Adventist Today Foundation, de Riverside, Cal., EUA.

Jaroslav Pelikan, em sua obra de cinco volumes *The Christian Tradition: A History of the Development of Doctrine* [A Tradição Cristã: Uma História do Desenvolvimento da Doutrina] distingue entre **teologia, que é o pensamento de indivíduos,** e **doutrina, que é o pensamento da igreja.** Os dois sempre vivem em tensão. A doutrina geralmente é a reação da igreja à teologia. Ou seja, um indivíduo articula novas idéias e a igreja reage. A doutrina é sempre conservadora. Ela expressa o que a igreja já chegou a crer. No mínimo, a doutrina deve ser apoiada por uma maioria daqueles presentes e votantes, estejamos falando sobre o Concílio de Nicéia em 325 ou da Assembléia da Associação Geral.

A teologia, por outro lado, devido a ser obra de indivíduos, é inevitavelmente idiossincrática. Descreve o entendimento de uma pessoa sobre Deus. Certamente, teologia é feita em diálogo com outros teólogos, doutrina, cultura, etc. Todavia, ainda é o produto final que expressa a mente e coração dessa pessoa. A doutrina expressa a mentalidade e sentimentos de uma comunidade.

Assim, como relacionamos teologia e doutrina? Qual devia ser a relação entre a igreja e os teólogos?

Por um lado, os teólogos devem reconhecer que a validade e o valor da doutrina não depende das convicções pessoais dos teólogos. A doutrina é a herança de sua comunidade, não o fruto de sua busca pessoal. Por sua própria natureza, os teólogos são levados a proclamar suas conclusões. Mas as suas conclusões não são doutrina. Suas conclusões podem levar à formação ou reformulação doutrinária. Quando isso ocorre, contudo, não mais representa a obra do teólogo; torna-se a obra da comunidade.

Por seu turno, a igreja deve reconhecer que quanto mais detalhada for sua declaração doutrinária, menos requererá que os teólogos afirmem estarem pessoalmente persuadidos sobre cada ponto. Os administradores que insistem tanto em declarações doutrinárias altamente específicas ALÉM do compromisso pessoal dos teólogos a cada ponto na declaração estão definindo uma igreja muito diminuta, que será demasiado pequena para muitos de seus filhos.

A denominação ASD propicia um centro ideológico, social, espiritual e, isso mesmo, até institucional do qual pensadores criativos podem divergir e divergirão. Propicia um centro galvanizador mediante o qual todos os “vanguardistas”, “excêntricos”, “fanáticos” e “dissidentes” podem ligar-se uns com os outros, seus pais, filhos e colegas da escola e faculdade.

Se tivermos de ter teólogos, ou seja, pessoas (amadoras ou profissionais) que dedicam suas vidas à exploração de palavras sobre Deus, devemos esperar diversidade de pontos de vista. É uma negação da criatividade que faz parte da imagem de Deus insistir em que todos os teólogos concordem com todos os outros ou com todo ponto de uma pormenorizada declaração doutrinária.

Ao mesmo tempo, se devemos ter uma comunidade (e isso é indispensável para a vida espiritual saudável), devemos insistir em que nem todas as asserções dos teólogos mereçam o rótulo de “doutrina”. De fato, a comunidade deve estar livre de rotular explicitamente alguma teologia de “vanguardista”, “excêntrica”, “aberrante”.

A teologia nos divide porque não há dois teólogos que concordem em tudo. A doutrina pode nos unir, mesmo quando estamos dela discordando. O cerne doutrinário que a denominação transmite de uma geração à outra forma o canteiro em que uma infinita variedade de nossos pensamentos emergem. Propicia um terreno comum para debates entre nós, o elo comum que nos protege de degenerar num agregado solto de indivíduos inteligentes e solitários.

Há um delicioso senso de aventura em sair a rondar além dos limites da doutrina. As próprias descobertas de uma pessoa são muito mais excitantes do que já lhe é dado pronto. Se silenciarmos os nossos teólogos, a igreja perderá a centelha e vitalidade que interessa aos nossos filhos em questões espirituais.

Por outro lado, a doutrina é uma parte essencial da solda que mantém juntas as instituições na qual a maioria de nós adquire os talentos necessários para empenhar-nos na aventura da teologia. Neutralize-se essa solda e as instituições se desprenderão. E se as instituições desaparecerem, a igreja perderá uma parte destacada da interligação entre as gerações. Se descartarmos nossa doutrina, a igreja perderá a estrutura de que nossos filhos carecerão quando chegar a vez deles de transmitir a fé a seus filhos.

Lutero assinalou que tanto papas quanto concílios se contradisseram entre si. Ele poderia ter acrescentado os teólogos a essa lista. Se “a igreja em assembléia” é infalível, então devemos todos retornar a Roma, historicamente a igreja-mãe do Protestantismo. E se os teólogos têm a última palavra, que diremos, então, sobre os brilhantes teólogos alemães que advogavam o nazismo? O que diremos dos teólogos amadores David Koresh e Jim Jones? De algum modo, a maneira correta deve sustentar a igreja e os teólogos em união.

A história eclesiástica nos diz que a interação entre a igreja com sua doutrina estabelecida e os teólogos com suas visões pessoais de Deus e da verdade não pode ser reduzida a uma fórmula simples. Nem uma nem outra é sempre certa; nem sempre digna de confiança. Mas nenhuma das duas posições é supérflua.

Uma igreja viva e eficiente precisa tanto da teologia quanto da doutrina. O relacionamento entre ambas sempre experimentará uma dinâmica. Se tentarmos simplificar as coisas suprimindo qualquer das duas, diminuiremos nossa habilidade de realizar a tarefa que por Deus nos foi designada.

[Extraído de partes dos artigos “Talking With the Enemy” e “Doctrine and Theology: What’s the Difference?”, *Adventist Today*, janeiro-fevereiro de 1998, págs. 2 e 20, 21].

DE CONTROVÉRSIA A CRISE

UMA AVALIAÇÃO ATUALIZADA DO

ADVENTISMO DO SÉTIMO DIA

Kenneth R. Samples

Este artigo, traduzido de "From Controversy to Crisis" da publicação *Christian Research Journal*, Verão de 1988, dá idéia de como pesquisadores não-adventistas (não necessariamente hostis à nossa igreja), avaliam problemas e controvérsias que nos tem afetado ao longo da história denominacional, e como entendem as implicações presentes e futuras de tais acontecimentos, sobretudo no que dizem respeito a questões polêmicas que mais recentemente polarizaram teólogos e estudiosos destes temas em nossos arraiais.

“Nossa crítica ao adventismo não deve ser interpretada como um ataque procedente de um inimigo”, explica o autor, “e sim como palavras preocupadas de um amigo, que ora ardentemente para que os dirigentes atuais do adventismo do sétimo dia honrem a Escritura e o evangelho da graça acima de suas peculiaridades denominacionais.”

Na última página, é reproduzida carta de um dirigente da Associação Geral elogiando o artigo, declarando que o mesmo reflete com precisão o que se passa e se passou no seio da IASD segundo o que o autor expõe. Portanto, é matéria bem recomendada, que vale a pena examinar.

Desde seu início em meados do século dezenove, o adventismo do sétimo dia tem permanecido extremamente controverso entre os cristãos evangélicos. Havia, realmente, certo consenso entre estudiosos evangélicos de que os ASD eram pouco mais do que uma seita não cristã até os anos da década de 50, quando Donald G. Barnhouse e Walter Martin iniciaram uma avaliação abrangente da teologia adventista. Após milhares de horas de pesquisa e longos encontros com dirigentes adventistas, Barnhouse e Martin concluíram que os ASD não são uma seita anticristã, mas uma denominação um tanto heterodoxa. A palavra heterodoxa significa -- que se aparta de doutrinas cristãs aceitas.

Gradualmente, o clima da opinião evangélica começou a mudar em favor do ponto de vista de Barnhouse e Martin, conquanto sempre houvesse muitas opiniões discordantes. Ao alvorecer a década de 60, os ASD desfrutavam uma abertura sem precedentes para com o protestantismo evangélico. Ironicamente, essa abertura também suscitou algumas questões bastante difíceis em vista de que certos ensinoshave do adventismo tradicional foram desafiados de dentro da denominação.

Em meados da década de 70, duas facções distintas emergiram dentro da IASD - o Adventismo Tradicional, defendendo muitas posições anteriores a 1950, e o Adventismo Evangélico, realçando o entendimento da Reforma sobre justificação pela fé. Essa controvérsia logo deu lugar a uma crise interna de grandes proporções que fragmentou severamente a denominação. No início da década de 80, disciplina denominacional rigorosa contra certos líderes evangélicos adventistas deixou muitos adventistas desiludidos.

Esses eventos levaram um bom número de evangélicos a questionarem se os ASD deveriam conservar o rótulo de evangélicos. O propósito deste artigo é abordar esta questão objetivamente ao passarmos em revista o controvertido diálogo de evangélicos/ASD da década de 50, bem como rastrear as questões doutrinárias que contribuíram para a crise de identidade do adventismo.

O DIÁLOGO ENTRE EVANGÉLICOS E ADVENTISTAS NOS ANOS 50

Incluídos entre os evangélicos dos anos 60 que consideravam a IASD como uma seita não-cristã estavam eruditos tão capazes quanto Louis Talbot, M. R. DeHann, Anthony Hoekema, J. K. Van Baalen, John Gerstner e Harold Lindsell.¹ Walter Martin, na época diretor de Apologética Sectária para a Zondervan Publishing Company [Companhia Editora Zondervan], havia classificado os ASD como um culto em seu livro *The Rise of the Cults*. E Donald Grey Barnhouse, erudito bíblico conhecido nacionalmente e fundador e editor da revista *Eternity*, havia escrito criticamente sobre a teologia adventista. Barnhouse, tendo encontrado alguns adventistas fanáticos anteriormente, considerava que os evangélicos e os adventistas eram mutuamente exclusivos.

Ironicamente, o primeiro contato de Barnhouse com líderes adventistas ocorreu quando T. Edgar Unruh, ministro e administrador ASD, escreveu a Barnhouse elogiando-o por várias conferências que ele havia dirigido a respeito do tema da justificação pela fé. Barnhouse ficou intrigado de que um adventista, que em sua opinião aceitaria a salvação pela obras, o elogiasse por pregar sobre o evangelho da Reforma. Conquanto ainda conservando muita suspeita, Barnhouse sugeriu que os dois homens conversassem mais a respeito da doutrina adventista.

Tempos depois, Barnhouse indicou o nome de Unruh para Walter Martin, a quem encarregou da tarefa de pesquisar detalhadamente os ASD para *Eternity*. Martin abordou Unruh solicitando-lhe materiais representativos de sua teologia e a oportunidade de entrevistar certos líderes adventistas. Unruh submeteu a Martin a documentação que ele procurava e fez arranjos para que visitasse a sede da Associação Geral, então localizada em Takoma Park, Maryland. A Associação Geral, o corpo governante dos ASD, recebeu Martin calorosamente e seu pessoal revelou muita boa vontade em suprir-lhe materiais de pesquisa básicos. Com o apoio de R. R. Figuhr, o presidente da Associação Geral, Unruh organizou uma conferência formal entre Martin e vários líderes adventistas.

Martin havia pedido especificamente para falar com o principal historiador e apologista adventista Leroy E. Froom. Froom, autor de obras bem conhecidas como *Prophetic Faith of Our Fathers e Movement of Destiny*, solicitou que dois outros líderes adventistas participassem: W. E. Read, Secretário de Campo para a Associação Geral, e Roy Allan Anderson, Secretário da Associação Ministerial da Associação Geral e editor da revista *Ministry*. Esses homens foram acompanhados de T. E. Unruh que atuou como moderador. Um associado de Walter Martin . . . deu-lhe assistência em sua pesquisa na histórica conferência. Quando as reuniões posteriormente se transferiram para a Pennsylvania, Barnhouse também tornou-se um ativo participante.

PERGUNTAS E RESPOSTAS

O formato da conferência envolvia essencialmente os eruditos adventistas respondendo perguntas que lhes eram submetidas pelos evangélicos. Martin, em particular, apresentou dezenas de perguntas que lhe foram suscitadas de seu exame das fontes adventistas básicas. Uma das primeiras questões relevantes que os evangélicos suscitaram foi a tremenda quantidade de literatura adventista que claramente contradizia outras declarações oficiais dos ASD. ...

...Por exemplo, paralelamente a declarações ortodoxas concernentes à pessoa, natureza e obra de Cristo, publicações adventistas também continham outros artigos que esposavam o arianismo (o ponto de vista de que Cristo foi um ser criado), a natureza pecaminosa de Cristo, a teoria da expiação incompleta, galacianismo (salvação pela guarda da lei) e sectarismo extremado. Martin declarou que poderia apresentar numerosas citações que eram inequivocamente heréticas. Os eruditos adventistas ficaram tanto chocados quanto horrorizados com respeito a alguns dos documentos revelados.

Em vista da forte ênfase adventista ao entendimento progressivo das Escrituras, os ASD têm relutado em adotar um credo formal. Mesmo sua declaração doutrinária, conhecida como as "27 Crenças Fundamentais", permite mudança e revisão.

Historicamente, esta falta de um credo formal e a ênfase em entendimento bíblico progressivo tem dado lugar a uma ampla gama de interpretação doutrinária entre os adventistas. Nos anos da década de 50, como hoje, esta tolerância para com pontos de vista divergentes e às vezes heréticos tem afetado a unidade e vigor doutrinário de sua denominação. Esta foi uma questão crítica para os evangélicos, que não poderiam esperar representar com exatidão a posição do adventismo para o mundo evangélico se os próprios adventistas deixavam de ter consenso quanto a suas posições.

Na conferência de 1955-56, Martin acusava os adventistas de, na pior das hipóteses, falar pelos dois cantos da boca, ou, na melhor, não policiar devidamente suas fileiras. Os evangélicos deixaram claro que se a Associação Geral permitisse que heresias tais como o arianismo e o galacianismo continuassem em suas fileiras, a IASD mereceria o rótulo de "seita". Para seu crédito, todos os eruditos adventistas presentes repudiaram as posições acima citadas, e prometeram que ensinamentos tidos por aberrações das doutrinas expressas pelos ASD seriam investigados pela Associação Geral. Asseguraram também que a maioria desses ensinamentos, se não todos, não eram representativos da teologia ASD, mas expressavam as opiniões de uns poucos que pertenciam ao que Fromm se referiu como "um segmento da extremidade lunática".

ORTODOXIA ESSENCIAL?

Ao prosseguir a conferência, os evangélicos ficaram mais e mais impressionados tanto com a sinceridade quanto com a ortodoxia geral dos líderes adventistas. Parecia agora que a estrutura da teologia ASD era essencialmente ortodoxa. O adventismo afirmava a inspiração da Escritura, a doutrina cristã da Trindade, e a divindade de Cristo, o nascimento virginal, expiação vicária,

ressurreição corpórea, e segundo advento.² Martin, que havia escrito extensamente sobre o tema de seitas com base americana, imediatamente reconheceu que essa não era a declaração doutrinária de uma seita típica.

Ele passou a crer que os ASD, pelo menos segundo o que aqueles homens representavam, haviam sido muito mal compreendidos pela cristandade evangélica.

Não obstante Martin ficasse impressionado com sua dedicação aos pontos essenciais da fé, havia ainda um número de doutrinas adventistas distintivas que por muito tempo tinham estado no caminho da aceitação dos ASD como irmãos cristãos. A maior parte dos eruditos evangélicos que haviam escrito negativamente a respeito dos ASD centralizavam suas críticas sobre esses poucos pontos distintivos, que acreditavam solapar qualquer ortodoxia que o adventismo pudesse conter. Martin, que estava determinado a compreender os ASD com toda precisão, solicitou uma pormenorizada explanação dessas crenças peculiares.

HETERODOXIA OU HERESIA?

Devido a que essas doutrinas controvertidas transmitem o que há de singular na teologia adventista, e em vista de que chegar a uma compreensão a respeito delas era importante para a avaliação de Barnhouse/Martin, uma breve discussão delas é necessária. Infelizmente, limitações de espaço impedem um tratamento em profundidade, assim discutiremos três dos pontos peculiares que têm sido fontes importantes de má compreensão.³ A conferência evangélica/ASD revelou que a teologia adventista diferia do cristianismo em geral nas seguintes três questões: o sábado, a autoridade da figura proeminente da denominação, Ellen G. White, e a doutrina do "juízo investigativo".

Sabatismo. Os ASD ensinam que a guarda do sábado do sétimo dia, como memorial perpétuo da criação, é obrigatório para todos os cristãos como uma marca de "verdadeira obediência" ao Senhor. Diferentemente de certos adventistas extremistas, contudo, os eruditos adventistas na conferência asseguraram que a observância do sábado não propicia salvação, e que cristãos não-adventistas que observavam o domingo em sã consciência não se excluía do corpo de Cristo.

Conquanto a guarda de um dia de descanso nunca tenha sido a posição oficial do cristianismo histórico, os evangélicos concluíram que guardar ou não guardar um sábado é permissível no contexto de Romanos 14:5, 6. Outras denominações cristãs, tais como os batistas do sétimo dia, tinham também assumido essa posição. Os evangélicos discordaram vigorosamente da conclusão adventista concernente ao sábado, mas não viram isto como uma questão que deveria dividi-los.

Ellen G. White e o Espírito de Profecia. O desenvolvimento e a própria existência do adventismo é literalmente incompreensível à parte de Ellen White e seus múltiplos escritos. Nenhum líder ou teólogo cristão tem exercido tão grande influência sobre uma denominação em particular quanto Ellen White sobre o adventismo. Durante sua vida, a Sra. White é creditada com a produção de mais de 46 livros totalizando 25 milhões de palavras, que abordam virtualmente cada área das crenças e práticas dos adventistas.

O ASD crê que o dom de profecia mencionado em I Coríntios, capítulos 12 e 14, foi singularmente manifestado na vida e escritos de Ellen White. Suas alegadas visões e palavras do Senhor foram interpretadas como sendo uma característica identificadora e qualificativa da igreja remanescente de Deus. Os escritos de Ellen White têm sido freqüentemente descritos, como ela própria declarava, como uma "luz menor" apontando à "luz maior" da Escritura.⁴

Em vista de os ASD considerarem os escritos de Ellen White como "conselho inspirado do Senhor", os evangélicos preocupavam-se com a relação que seus escritos teriam com a Bíblia. A questão submetida aos eruditos adventistas foi: "Os adventistas do sétimo dia consideram os escritos de Ellen G. White como estando em pé de igualdade com os escritos da Bíblia?"⁵ Os líderes adventistas deram a seguinte resposta:

1) Que não consideravam os escritos de Ellen G. White como um acréscimo ao cânon sagrado da Escritura.

2) Que não os consideravam como tendo aplicação universal, como é o caso da Bíblia, mas particularmente para a Igreja Adventista do Sétimo Dia.

3) Que não os consideravam no mesmo sentido como Escrituras Sagradas, as quais permanecem como únicas e exclusivas, sendo o padrão pelo qual todos os outros escritos precisam ser julgados.⁶ Conquanto os evangélicos abertamente rejeitassem o ponto de vista dos adventistas quanto aos escritos de Ellen White, concluíram que na medida em que seus escritos não eram visto como 1) estando em mesmo nível que a Escritura, 2) sendo infalíveis, ou 3) um teste de comunhão cristã, esta questão não precisa ser divisória.

A Doutrina do Santuário/Juízo Investigativo. Talvez a crença mais distinta dentre todos os ensinamentos adventistas seja a doutrina do santuário, que surgiu como uma explicação para o fracasso do movimento milerita de 1844. O ministro batista Guilherme Miller (1782-1849), empregando o princípio de interpretação dia-ano em Daniel 8:14, predisse que Jesus Cristo retornaria literalmente à terra 2.300 anos após o início das 70 semanas de Daniel (Dan. 9:24-27), que ele interpretava como

sendo o espaço de tempo de 457 A.C.-1843 A.D. Quando 1843 passou sem ver o retorno do Senhor, o movimento milerita realizou um pequeno reajuste e declarou que 22 de outubro de 1844 seria a data do segundo advento. Quando esta predição também falhou, o movimento milerita sofreu o que é conhecido historicamente como o "Grande Desapontamento". Para muitos, isto representou o fim do movimento do Advento, mas para uns poucos ele tinha apenas começado.

No auge do Grande Desapontamento, outro indivíduo, Hiram Edson, reexaminou a profecia de Daniel 8:14 após supostamente ter tido uma visão iluminadora sobre a questão num milharal. Edson, com a ajuda de O.R.L. Crosier, concluiu que o erro de Miller estava na natureza do evento, antes que nos cálculos de tempo. Miller havia interpretado a "purificação do santuário" (referida em Dan. 8:14) como profecia de que Jesus Cristo retornaria ao "santuário" terreno, isto é, à própria Terra. Edson, à luz de sua visão, chegou a crer que Cristo, em vez de retornar à Terra em 1844, de fato entrou pela primeira vez no segundo compartimento do santuário celestial. Ele cria que existia um santuário celestial, sendo o modelo do santuário terrestre do Velho Testamento, completo com o duplo compartimento conhecido como o lugar santo e o lugar santíssimo. 1844, segundo Edson, assinalara o início da segunda fase da obra expiatória de Cristo.

A obra que Jesus devia realizar no lugar santíssimo foi mais tarde desenvolvida na doutrina do juízo investigativo [N.T.: segundo alguns pesquisadores, esta doutrina foi adotada cerca de 7 anos após 1844, havendo nesse meio-tempo a crença na "porta fechada", ou seja, de que não haveria mais salvação fora do grupo remanescente de adventistas desde 1844]. Os primeiros adventistas entendiam que a obra expiatória de Jesus se realizaria em duas fases. Esse ministério de Cristo em duas fases poderia ser melhor compreendido como um antitipo da obra dos sacerdotes do Velho Testamento.

Sob o velho concerto, argumentavam, os deveres diários dos sacerdotes confinavam-se a oferecer sacrifícios dentro do lugar santo (o *perdão* do pecado), contudo, uma vez ao ano no dia da expiação, o sumo sacerdote entrava no lugar santíssimo e purificava o santuário pelo ato de aspergir sangue de um bode morto sobre o propiciatório (*eliminação* do pecado). Após a purificação do santuário, os pecados do povo eram postos sobre o bode expiatório que, então, era banido para o deserto.

Segundo o adventismo, Jesus havia estado *perdoando* o pecado desde Sua morte vicária sobre a cruz; contudo, em 22 de outubro de 1844, Ele iniciou Sua obra de *eliminação* do pecado. Desde a ascensão até 1844, Jesus tinha estado aplicando o perdão que adquirira na cruz no primeiro compartimento do santuário, mas em 1844, Ele entrara no segundo compartimento e começara a investigar as vidas dos que receberam o perdão para verificar se eram dignos da vida eterna.

Somente os que passassem nesse julgamento poderiam ter a garantia de ser trasladados por ocasião de Sua segunda vinda. Esta doutrina deu origem ao que mais tarde ficou conhecido como o ensino da perfeição sem pecado [N.T.: ou "perfeccionismo"] (a guarda perfeita dos mandamentos a fim de achar aceitação no juízo). Seguindo-se ao juízo investigativo, Cristo sairia do santuário celestial e haveria de retornar à Terra trazendo a cada homem a sua recompensa, e introduzindo o grande e terrível dia do Senhor. É a data de 1844, e os eventos descritos acima, que assinalam o início da IASD.

Ao ouvir sobre esta doutrina peculiar, Barnhouse descreveu o tema do santuário como nada mais do que um esquema de salvar as aparências, criado para resgatá-los do erro milerita. Os evangélicos repudiaram essas duas doutrinas como carecendo de apoio bíblico. Permanecia a questão para os evangélicos, contudo, se essas duas doutrinas bloqueavam o caminho da comunhão genuína. A preocupação básica era se essas doutrinas minimizavam a obra expiatória de Cristo, ou a reduziam a uma expiação incompleta. Após uma avaliação crítica, os evangélicos concluíram que a doutrina do juízo investigativo "não constitui uma barreira real à comunhão se entendida em seu sentido simbólico e não no materialístico ou num sentido extremamente literal em que alguns escritores adventistas pioneiros a apresentaram".⁷ Ressaltaram que no pensamento adventista contemporâneo, a doutrina não implicava uma expiação dupla ou parcialmente completada, antes, que a expiação realizada uma vez por todas estava sendo aplicada por Cristo como nosso Sumo Sacerdote no céu.

No que concernia aos evangélicos, as três doutrinas do sabbatismo, a autoridade de Ellen White e o santuário/juízo investigativo, conquanto errôneas, se apropriadamente interpretadas não impediriam a comunhão entre os dois campos.

Outras doutrinas distintivas tais como a imortalidade condicional, o aniquilamento dos ímpios, a reforma de saúde, e o conceito de igreja remanescente foram discutidos e avaliados pelos evangélicos. A conclusão deles era que conquanto essas doutrinas estivessem fora da corrente principal dos ensinamentos evangélicos, e nalguns casos sem qualquer claro embasamento bíblico, a explanação dada por aqueles eruditos adventistas não impediria que fossem tidos por genuínos seguidores de Jesus.

Após avaliarem milhares de páginas de documentação, e participarem de longas sessões de perguntas e respostas com vários dos mais competentes eruditos adventistas, Walter Martin, falando pelos evangélicos, concluiu que a IASD "é essencialmente uma denominação cristã, mas na perspectiva global sua teologia deve ser vista como mais heterodoxa do que ortodoxa, e suas práticas em não poucos casos devem realmente ser consideradas divisórias".⁸

DESDOBRAMENTO DA CONFERÊNCIA

A decisão de reclassificar a IASD como denominação heterodoxa, não uma seita não-cristã, foi muito controversa. Barnhouse e Martin receberam considerável crítica em círculos evangélicos. De fato, após revelarem suas descobertas em várias edições da revista *Eternity*, 25 por cento dos assinantes da revista cancelaram suas assinaturas!

Este clima de opinião começou a mudar, contudo, com o lançamento da publicação *Questions on Doctrine* [N.T.: Nome completo do livro -- "Os Adventistas do Sétimo Dia Respondem Perguntas Sobre Doutrina"], (doravante referida como QOD).⁹ Este volume foi produzido diretamente das sessões de perguntas e respostas com os evangélicos, com ambos os lados contribuindo para a enunciação clara das perguntas. O exposto propósito do livro foi esclarecer a doutrina adventista revelando áreas de crença comum e diferenças distintas com relação aos evangélicos. Os especialistas adventistas que compuseram o QOD realçaram o fato de que esse livro não constituía uma nova declaração de fé, mas era uma explanação dos principais aspectos da crença dos ASD.

Para assegurar que esse volume de fato representava a teologia adventista, e não a opinião de um grupo seletivo, o manuscrito foi remetido antes da publicação para 250 líderes adventistas, para o passarem em revista. Após receber apenas críticas sem grandes conseqüências, o manuscrito de 720 páginas foi aceito por uma comissão da Associação Geral e publicado pela Review and Herald Publishing Association [N.T.: editora adventista] em 1957. Conquanto essa obra em anos recentes tenha se tornado uma fonte de controvérsia no adventismo, é interessante notar que R. R. Figuhr mais tarde declarou que considerava o QOD como a realização mais significativa de sua presidência.¹⁰

Vários anos depois, em 1960, o livro de Martin, *The Truth About Seventh-day Adventism* foi também publicado e recebeu ampla acolhida. Muitos que haviam inicialmente criticado a avaliação Barnhouse/Martin começaram a ter nova consideração para com os ASD devido à extensa documentação exibida no livro de Martin. (Conquanto esse livro esteja há muito fora do prelo, a avaliação de Martin sobre a IASD permaneceu disponível em seu livro posterior *The Kingdom of the Cults*). Líderes adventistas também declararam publicamente que o livro de Martin expunha precisamente a teologia adventista. Um adventista da atualidade afirmou: "O livro de Martin é a obra de um investigador honesto e um teólogo competente. Ele compreendeu e relatou com exatidão o que os adventistas lhe disseram que criam, e citou as provas deles exaustivamente".¹¹

Assim, de acordo com a liderança ASD, tanto o QOD quanto o *The Truth About Seventh-day Adventism* representaram com exatidão sua teologia no final da década de 50, conquanto, segundo veremos, a aceitação dessa teologia no adventismo estava longe de ser universal.

Muita coisa mudou, entretanto, desde o QOD, e assim voltamos agora nossa atenção aos acontecimentos que moldaram a crise atual no adventismo.

O COMEÇO DA CONTROVÉRSIA

Os anos 60 e 70 foram um tempo de grande turbulência e debate doutrinário dentro da IASD, com o denominador comum sendo a questão da singularidade do adventismo.¹² O adventismo prosseguiria na mesma direção estabelecida sob a administração Figuhr no QOD, ou a denominação retornaria a uma compreensão mais tradicional da fé? O debate sobre esta questão daria origem a duas facções distintas dentro da IASD: o Adventismo Evangélico e o Adventismo Tradicional¹³. Consideremos agora esses dois grupos e comparar seus pontos de vista quanto àquelas doutrinas que os dividiam. Essas doutrinas compreendem a justificação pela fé, a natureza humana de Cristo, os eventos ligados a 1844, a certeza de salvação, e a autoridade de Ellen White.

ADVENTISMO EVANGÉLICO

As raízes do Adventismo Evangélico podem ser certamente traçadas até os especialistas adventistas que dialogaram com Barnhouse e Martin. Quando o QOD repudiou tais doutrinas tradicionais comumente mantidas, como a natureza pecaminosa de Cristo, posições literalísticas extremadas quanto ao santuário celestial, e os escritos de Ellen White como uma autoridade doutrinária infalível, lançaram um fundamento crítico para aqueles que posteriormente empunhariam a tocha para este movimento de reforma. O ex-editor de *Evangelica*, Alan Crandall, comenta: "As sementes deste movimento foram lançadas dentro da denominação através do livro QOD em 1957, e o canteiro foi regado pelos ministérios públicos de homens como R. A. Anderson, H. M. S. Richards, Sr., Edward Heppenstall, Robert Brimsmead, Desmond Ford, Smuts van Rooyen, e outros"¹⁴.

Esse movimento continuou a crescer e evoluir nos anos 70, com os principais porta-vozes sendo dois eruditos ASD australianos chamados Roberto Brimsmead e Desmond Ford. Ambos, mediante os seus escritos e conferências, foram os principais catalisadores de um reavivamento da doutrina da justificação pela fé que estava recebendo ampla audiência, particularmente na Divisão Australasiana da IASD. O movimento era sobretudo sustentado por jovens pastores, seminaristas e leigos adventistas. Existia também um bom número de eruditos americanos adventistas que simpatizavam com a posição Brimsmead/Ford.

As principais questões doutrinárias que uniam este grupo eram:

1) Justificação pela Fé: Este grupo aceitava o entendimento da Reforma sobre justificação pela fé (segundo o qual a justificação pela fé inclui somente justificação, e é um ato judicial de Deus pelo qual Ele declara os pecadores como sendo justos com base na própria justiça de Cristo). Nossa condição perante Deus repousa sobre a justiça imputada de Cristo, que recebemos pela fé somente. A santificação é o fruto que acompanha, e não a raiz da salvação.

2) A natureza humana de Cristo: Jesus Cristo possuía uma natureza humana isenta de pecado sem qualquer inclinação ou propensão para o pecado. Nesse sentido, a natureza humana de Cristo era semelhante à de Adão antes da queda. Conquanto Cristo certamente sofresse as limitações de um homem real, por natureza Ele era incapaz de pecado. Jesus era basicamente nosso substituto.

3) Os eventos ligados a 1844: Jesus Cristo entrou no lugar santíssimo (no próprio céu) por ocasião de Sua ascensão; a doutrina do santuário e do juízo investigativo (literalismo e perfeccionismo tradicionais) não têm base na Escritura.

4) Certeza de salvação: Nossa condição e segurança perante Deus repousa somente na justiça imputada de Cristo; a perfeição isenta de pecado não é possível deste lado do céu. Confiar em Cristo dá a uma pessoa a certeza.

5) Autoridade de Ellen G. White: Ellen White foi uma genuína cristã que possuía um dom de profecia. Contudo, nem ela nem seus escritos são infalíveis, e eles não devem ser empregados como autoridade doutrinária.

ADVENTISMO TRADICIONAL

Embora o QOD seja considerado a origem do Adventismo Evangélico, alimentou também o fogo dos que apoiavam o Adventismo Tradicional. Seguindo-se a sua publicação, M. L. Andreasen, respeitável erudito adventista, criticou severamente o QOD, declarando que em sua opinião por tal livro o adventismo se vendera aos evangélicos¹⁵. Vários anos depois, na administração de Robert Pierson, dois reputados eruditos, Kenneth Wood e Herbert Douglass, declararam que a publicação do QOD havia sido um grande erro¹⁶.

A questão crucial do Adventismo Tradicional certamente parecia fazer diretamente sobre a autoridade de Ellen G. White. Este grupo defenderia fortemente aquelas doutrinas que eram crenças peculiares ao adventismo, especialmente as que receberam o seu selo de aprovação de parte do dom profético de Ellen White (por exemplo, a doutrina do santuário, o juízo investigativo). O

apoio para esse grupo veio principalmente do clero e leigos mais idosos, e, o mais importante, eles pareciam ter obtido a simpatia da maior parte dos administradores adventistas. Então, como agora, os líderes que dirigiam a denominação não eram bem informados teologicamente, mas acolheram a posição do segmento tradicionalista, muito loquaz.

As posições seguintes foram tomadas pelo Adventismo Tradicional em resposta aos debates doutrinários:

1) Justificação pela fé: A justificação pela fé incluía tanto justificação quanto santificação. Nossa condição perante Deus repousa tanto na justiça imputada quanto na justiça comunicada de Cristo (a obra de Deus por e em mim). A justificação é somente para os pecados cometidos no passado.

2) A natureza humana de Cristo: Jesus Cristo possuía uma natureza humana que não somente estava enfraquecida pelo pecado, mas tinha propensões para o próprio pecado. Sua natureza era semelhante à de Adão após a queda. Devido ao seu êxito em vencer o pecado, Jesus é basicamente nosso exemplo.

3) Os eventos ligados a 1844: Jesus entrou no segundo compartimento do santuário celestial pela primeira vez em outubro de 1844, e iniciou um juízo investigativo. Esse juízo é o cumprimento da segunda etapa da obra expiatória de Cristo.

4) Certeza de salvação: Nossa condição perante Deus repousa tanto sobre a justiça imputada quanto a justiça comunicada de Cristo; a certeza de salvação perante o juízo é presunção. Como Jesus, nosso exemplo, nos mostrou, a perfeita obediência aos mandamentos é possível.

5) A autoridade de Ellen G. White: O espírito de profecia foi manifesto no ministério de Ellen White como um sinal da igreja remanescente. Seus escritos são conselhos inspirados do Senhor e têm autoridade em questões doutrinárias.

Deve-se ressaltar que obras têm sido produzidas sobre cada uma dessas doutrinas, de ambos os lados. A breve descrição acima apenas objetiva propiciar uma sinopse precisa dos pontos de vista dos dois grupos.

É importante reconhecer que durante os anos 70, como hoje, nem todo adventista do sétimo dia se ajustaria exatamente dentro de um desses dois grupos. Nenhum desses grupos estava totalmente unido em suas crenças doutrinárias. Por exemplo, nem todos no campo Tradicional mantinham a concepção da natureza pecaminosa de Cristo, conquanto a maioria certamente o fazia. Entre os Adventistas Evangélicos, havia opiniões diferentes com respeito à compreensão do

juízo pré-advento. Igualmente, havia adventistas que não se julgavam em necessidade de identificar-se com um ou outro lado.

Deve-se mencionar ainda que, embora pequeno, existia, e ainda existe, um segmento no adventismo do sétimo dia que poderia ser descrito como teologicamente liberal.

DE CONTROVÉRSIA A CRISE

Como a comparação doutrinária acima demonstrou, as diferenças entre essas duas facções foram de fato significativas. As diferenças poderiam essencialmente ser reduzidas: 1) à questão da autoridade (*sola scriptura* vs. Escritura mais Ellen White), e 2) a questão da salvação (justiça imputada vs. justiça comunicada). O adventismo, de fato, estava debatendo as mesmas questões básicas que causou a Reforma no século XVI.

Ao chegar o fim dos anos 70, essa controvérsia doutrinária deu lugar a uma crise real dentro do adventismo. Primeiro, dois livros foram lançados que desafiavam as posições adventistas tradicionais sobre justificação pela fé e os eventos de 1844. *The Shaking of Adventism* [N.T.: Traduzido ao português pela JUERP com o título de "O Abalo do Adventismo"], escrito por um erudito anglicano, Geoffrey Paxton, historiava a luta no adventismo quanto à doutrina da justificação pela fé. Ele assegurava que se os adventistas são, como reivindicavam, os herdeiros especiais da Reforma, então deviam aceitar o entendimento da Reforma sobre justificação pela fé. O chegar a uma compreensão apropriada dessa doutrina fundamental havia perturbado o adventismo por toda a sua história. O segundo livro, de Roberto Brimsmead, *1844 Reexamined*, repudiava o entendimento adventista tradicional sobre 1844 e o juízo investigativo. Esses dois livros centralizavam-se sobre duas das questões básicas da crise adventista de identidade.

ABALANDO OS FUNDAMENTOS

Indubitavelmente, a questão mais explosiva surgida durante esse período foi a descoberta da tremenda dependência literária de Ellen White. Eruditos adventistas tais como Harold Weiss, Roy Branson, William Peterson, e Ronald Numbers todos apresentaram pesquisa histórica que demonstrava que Ellen White havia tomado emprestado material de outros autores do século dezenove. A revelação mais controvertida, contudo, veio de um pastor adventista chamado Walter Rea. Rea acusou que uma proporção de 80 a 90 por cento dos escritos de White haviam sido plagiados. Devido à tremenda influência que os escritos de White têm tido sobre a denominação, e devido a que os adventistas têm sido ensinados que os seus escritos foram tirados diretamente de suas visões (uma opinião promovida pela

denominação), esta descoberta abalou os próprios fundamentos do adventismo do sétimo dia.

Inicialmente, o White Estate [Depositários dos originais de Ellen White] negava essa evidência, admitindo, posteriormente, que fontes foram utilizadas em seus escritos. A *Review and Herald*, órgão oficial da denominação, argumentava em defesa de White que sua dependência literária foi bem menor do que Rea alegara, e que seu emprego de fontes literárias não invalidava a inspiração de seus escritos. Afinal, raciocinavam, alguns escritores bíblicos empregaram fontes. Rea, que mais tarde documentou exaustivamente sua acusação no livro *The White Lie*, foi despedido pela denominação.

O tema da inspiração e autoridade de Ellen White tem sido uma fonte de controvérsia ao longo da história adventista, mas a acusação de plágio tem suscitado dúvidas quanto a sua integridade e veracidade. Alguns têm mesmo acusado o White Estate de que sabia sobre este problema por algum tempo e tentou acobertá-lo. Esta questão foi também importante com respeito ao tema da identidade singular do adventismo. Em vista de que muitos pontos doutrinários distintivos haviam recebido confirmação mediante o dom profético, questioná-la seria questionar a singularidade do próprio adventismo.

Desafiando o Coração do Adventismo

Duas das doutrinas que haviam recebido confirmação mediante o dom profético foram a do santuário e a do juízo investigativo (isto é, os eventos de 1844). Essas duas doutrinas distintivas jaziam no centro da controvérsia que finalmente levaria a uma nítida divisão dentro das fileiras do adventismo. Desmond Ford, por 16 anos chefe do departamento de Teologia do Avondale College em New South Wales, Austrália, desafiou a validade bíblica do entendimento tradicional dessas doutrinas. Ele argumentava que a compreensão literalista e perfeccionista dessas doutrinas promovida pelo adventismo tradicional não tinha suporte bíblico, e eram aceitas basicamente por causa das visões de Ellen White que as haviam confirmado. Ford declarava que conquanto os escritos de Ellen White fossem essenciais ao desenvolvimento do adventismo, eles deveriam ser percebidos como de natureza pastoral, e não canônica. Embora argumentasse que 1844 não tem qualquer significação bíblica, ele cria que Deus realmente suscitara a denominação adventista do sétimo dia para realçar, juntamente com a justificação pela fé, tais doutrinas como o sabbatismo, criacionismo, imortalidade condicional e pré-milenismo.

Devido à controvérsia sobre as crenças doutrinárias de Ford, os líderes adventistas concordaram em conceder-lhe seis meses de licença de suas atividades a fim de que preparasse a defesa de seus pontos de vista. Uma comissão

posteriormente se reuniria para avaliar suas posições à luz da doutrina ASD. Ford, um cuidadoso e produtivo erudito, preparou um manuscrito de 990 páginas intitulado *Daniel 8:14: The Day of Atonement and the Investigative Judgment*. Em agosto de 1980, 126 dirigentes adventistas reuniram-se no rancho Glacier View, no Colorado (EUA) para discutir essas questões provocantes. Após uma semana de reuniões, os líderes declararam que as opiniões de Ford estavam em desacordo com a doutrina adventista expressa. Em vista de que Ford não renunciava a suas convicções, a denominação removeu suas credenciais ministeriais.

A dispensa de Desmond Ford, que alguns consideravam o pai do adventismo evangélico, irritou a muitos e levou a um êxodo evangélico em massa da denominação em favor de congregações adventistas independentes e igrejas evangélicas regulares. Igualmente, um montante de uma centena de líderes e professores de Bíblia adventistas evangélicos foram posteriormente dispensados ou forçados a renunciar a suas posições devido ao apoio que davam à teologia de Ford.

É desnecessário dizer que os anos da década de 80 foram um período crítico para o adventismo do sétimo dia. E embora pareça que a época mais traumatizante já se tenha passado, as cicatrizes dessa luta ainda permanecem. Conquanto as decisões da Associação Geral pareçam conceder o seu apoio ao Adventismo Tradicional, a denominação tem negado que busque ativamente eliminar todas as influências evangélicas. Muitos ex-pastores e professores de Bíblia adventistas contestariam vigorosamente tal declaração. Parece haver ainda vastos números de adventistas que são de persuasão evangélica, mas certamente não tão loquazes após Glacier View.

AVALIANDO O ADVENTISMO HOJE

Devido à controvérsia que se manifestou dentro do adventismo há algumas décadas, muitos que estão cientes da avaliação de Barnhouse/Martin nos anos 50 têm indagado se esta posição deveria ser revista ou alterada significativamente. E em vista da medida tomada contra Desmond Ford, Walter Rea, e muitos outros, alguns têm perguntado se o adventismo do sétimo dia no presente deveria ser considerado um culto não-cristão.

É nossa posição que a avaliação dada por Barnhouse e Martin ainda se aplica ao segmento do adventismo que acata as posições mantidas no QOD, e mais tarde expressas no movimento adventista evangélico das últimas décadas. Embora alguns dentro deste grupo se apeguem a doutrinas que não são parte da corrente principal da cristandade evangélica, afirmam na verdade as doutrinas fundamentais do cristianismo histórico, particularmente o entendimento Paulino de justificação pela graça mediante a fé somente, da Reforma (Rom. 3-4). A este grupo nós estendemos

uma mão de comunhão e encorajamento. Aplaudimos a coragem deles em permanecerem firmes pelo evangelho.

O adventismo tradicional, por outro lado, que parece ter obtido o respaldo de muitos administradores e líderes (pelo menos em Glacier View), aparentemente está se distanciando mais e mais de um número de posições estabelecidas em QOD. Embora dirigentes adventistas tenham declarado que a denominação se identifica com o QOD, alguns desses mesmos líderes desligaram da igreja dezenas de adventistas por afirmarem porções do QOD. Em vez de sustentarem o QOD, alguns líderes dentro da denominação têm-se referido a ele como uma "heresia condenável"¹⁷.

Por irônico que possa parecer para um grupo que condena o catolicismo violentamente e reivindica serem especiais herdeiros da Reforma, a posição adventista tradicional sobre justificação pela fé é mais semelhante à do Concílio de Trento da Igreja Católica do que à dos reformadores¹⁸. Devido a que esta doutrina é tão fundamental a um entendimento apropriado da lei e evangelho, a posição deturpada de igualar justificação com santificação conduz a vários outros conceitos antibíblicos (falta de certeza, perfeccionismo, etc.). Não admira que Lutero pensasse que tudo girava em torno de uma apropriada compreensão desta doutrina.

Além de sua posição comprometedor sobre justificação, o Adventismo Tradicional parece inclinado a tornar Ellen G. White a infalível intérprete da Escritura. Conquanto esta nunca tenha sido a posição oficial da igreja, em termos práticos muitos líderes dentro do adventismo têm-no declarado. Lyndon K. McDowell faz este revelador comentário: "Na prática, se não em teoria, os escritos de E. G. White têm sido elevados a uma pedra de toque verbalmente inspirada de interpretação, o que tem resultado numa membresia essencialmente iletrada do ponto de vista bíblico"¹⁹. Desafortunadamente, muitos adventistas vêem os escritos de Ellen White como um infalível atalho à compreensão escriturística. Os adventistas devem compreender que se elevam Ellen White à posição de intérprete infalível, então a dramática ironia dos séculos torna-se real -- os ASD têm um Papa!

O ADVENTISMO TRADICIONAL É SECTÁRIO?

Com respeito à acusação de que o Adventismo Tradicional é uma seita não cristã, deve-se realçar que a estrutura do adventismo é em grande parte ortodoxa (a aceitação da Trindade, divindade de Cristo, nascimento virginal, ressurreição corpórea, etc.). Atualmente, contudo, pareceria que o Adventismo Tradicional é, pelo menos, aberrante, confundindo ou comprometendo a verdade bíblica (por exemplo, sua visão da justificação e natureza de Cristo, apelando a uma autoridade não bíblica). Deve-se também declarar que se o campo tradicional continuar a desviar-se do QOD, e a promover Ellen White como a intérprete infalível da igreja, então eles podem um dia estar merecendo plenamente o título de "seita", como alguns adventistas reconhecem.

No final dos anos 70, a IASD estava na encruzilhada entre tornar-se bastante evangélica, ou retornar ao tradicionalismo do passado. A crise dos anos 80 torna claro que muitos na liderança adventista estão dando ouvidos aos do segmento tradicionalista que sempre se fazem ouvir, e, infelizmente, estão conduzindo o adventismo na direção errada. Se aqueles na liderança do adventismo que amam o evangelho da Reforma (e há ainda muitos) não se manifestarem e permanecerem firmes por suas convicções, o adventismo tem pouca esperança, porque o Adventismo Tradicional está teologicamente falido. Seu evangelho pervertido retira dos cristãos adventistas a certeza de salvação colocando-os na roda viva de tentarem corresponder plenamente aos requisitos da lei de Deus a fim de serem salvos.

Nossa crítica ao adventismo não deve ser interpretada como um ataque procedente de um inimigo, e sim como palavras preocupadas de um amigo, que ora ardentemente para que os dirigentes atuais do adventismo do sétimo dia honrem a Escritura e o evangelho da graça acima de suas peculiaridades denominacionais.

NOTAS

¹ Ver, por exemplo, Anthony Hoekema, *The Four Major Cults* (Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans Publishing Company, 1963).

² *Questions on Doctrine* (Washington D.C.: Review and Herald Publishing Assn., 1957), 21-22.

³ Para uma análise completa das doutrinas peculiares adventistas ver Walter Martin, *The Kingdom of the Cults*, ed. rev. (Minneapolis, MN: Bethany House Publishers, 1985).

⁴ *Questions on Doctrine*, 96.

⁵ *Ibid.*, 89.

⁶ *Ibid.*

⁷ Walter Martin, "Adventist Theology Vs. Historic Orthodoxy", *Eternity*, Jan. 1957, 13.

⁸ Walter Martin, "Seventh-day Adventism", *Christianity Today*, 19 de dezembro de 1960, 14.

⁹ O título exato é *Seventh-day Adventists Answer Questions on Doctrine*. Mais conhecido como *Questions on Doctrine*.

- ¹⁰ "Currents Interview: Walter Martin", *Adventist Currents*, julho de 1983, 15.
- ¹¹ Gary Land (ed.), *Adventism in America* (Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans Publishing Company, 1986), 187.
- ¹² Ver Land, 215.
- ¹³ Desmond e Gillian Ford, *The Adventist Crisis of Spiritual Identity*. (Newcastle, CA: Desmond Ford Publications, 1982), 20-28.
- ¹⁴ Alan Crandall, "Whither Evangelical Adventism", *Evangelica*, maio de 1982, 23.
- ¹⁵ Ford, 20.
- ¹⁶ Ibid.
- ¹⁷ Geoffrey Paxton, *The Shaking of Adventism* (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1977), 153.
- ¹⁸ Ver Paxton, 46-49
- ¹⁹ Lyndon K. McDowell (erudito ASD), in "Quotable Quotes from Adventist Scholars", *Evangelica*, Nov. 1981, 37.

Reação de um líder adventista ao artigo, segundo carta que escreveu à redação do *Christian Research Journal* (publicada na edição do outono/1988):

O seu artigo "De Controvérsia a Crise" sobre os adventistas do sétimo dia representa um retrato impressionantemente preciso do que está se passando dentro do adventismo hoje.

Vocês descrevem duas correntes principais: a tradicional e a evangélica, e fazem alusão a uma terceira--liberal. Há realmente essas três correntes. À semelhança de outros grupos religiosos, estamos seguindo a progressão sugerida por Reinhold Niebuhr, de homem para movimento, para máquina, para monumento. Alguns de nós estamos tão ocupados erigindo monumentos que não dispomos de tempo para resgatar os perdidos.

O adventismo tem muito a oferecer a outros grupos cristãos, mas precisamos todos firmar-nos sobre o mesmo fundamento. Esse fundamento é salvação por aceitar a vida perfeita e morte de Cristo e disso depender--e ponto final. As obras inevitáveis resultantes de ser justificado são sempre o resultado, nunca a causa, de minha salvação.

J. David Newman

Secretário-Associado da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia

POLÍTICA

Alguns textos do espírito de Profecia quanto ao nosso envolvimento sobre a Política.

O princípio da **política** é daqueles que levarão, com certeza, a dificuldades. Aquele que considera o favor dos homens mais desejável que o de Deus, cairá na tentação de sacrificar o princípio pelo ganho e consideração do mundo. CPPE, 486

Os mestres, na igreja ou na escola, que se distinguem por seu zelo na **política**, devem ser destituídos sem demora de seu trabalho e suas responsabilidades; pois o Senhor não cooperará com eles. O dízimo não deve ser empregado para pagar ninguém para discursar sobre questões políticas. Todo mestre, pastor ou dirigente em nossas fileiras, que é agitado pelo desejo de ventilar suas opiniões sobre questões políticas, deve-se converter pela crença na verdade, ou renunciar à sua obra. Sua influência deve ser a de um coobreiro de Deus no conquistar almas para Cristo, ou devem ser-lhe cassadas as credenciais. Se ele não muda, há de ser nocivo, apenas nocivo. FEC, 477

O Senhor deseja que todos os portadores da mensagem para estes últimos dias compreendam que há grande diferença entre os que professam a religião, mas não são praticantes da Palavra, e os filhos de Deus, que são santificados pela verdade e têm aquela fé que atua pelo amor e purifica a alma. O Senhor refere-Se aos que pretendem crer na verdade para este tempo, os quais não discernem, porém, qualquer incoerência em tomarem parte na **política**, misturando-se com as pessoas violentas destes últimos dias, como os circuncisos que se misturam com os incircuncisos, e declara que destruirá ambas as classes juntamente, sem distinção. Estão fazendo uma obra que não lhes mandou fazer. Desonram a Deus por seu espírito faccioso e por suas contendas, e Ele condenará de igual maneira a ambas as classes. FEC 482

Há uma grande vinha a ser cultivada; mas, conquanto os cristãos tenham de trabalhar entre os incrédulos, não se devem parecer com os mundanos. Não devem gastar seu tempo a falar de **política** e agir em favor dela; pois assim fazendo, dão oportunidade ao inimigo de penetrar e causar desinteligências e discórdias. FEC, 483

Deus apela para Seu povo, dizendo: "Saí do meio deles, e apartai-vos." II Cor. 6:17. Ele pede que o amor que tem manifestado por eles seja retribuído e evidenciado por meio de voluntária obediência a Seus mandamentos. Os filhos de Deus têm de separar-se da **política**, de toda união com os incrédulos. Não devem ligar seus interesses aos do mundo. "Provai vossa aliança comigo", diz Ele, "permanecendo como Minha herança escolhida, como um povo zeloso de boas obras." Não tomeis parte em lutas políticas. Separai-vos do mundo, e refreai-vos quanto a introduzir na igreja ou na escola idéias que hão de levar a contendas e perturbações. FEC, 483

A corrupção política está destruindo o amor à justiça e a consideração para com a verdade... GC, 597

Não devemos, como um povo, envolver-nos em questões políticas. Todos fariam bem em dar ouvidos à Palavra de Deus: Não vos prendais a um jugo desigual com os incrédulos em luta **política**, nem vos vinculeis a eles em suas ligações. Não há terreno seguro em que possam estar e trabalhar juntos. O fiel e o infiel não têm terreno neutro em que possam encontrar-se. 2 ME, 337

Os filhos de Deus têm de se separar da **política**, de toda associação com os incrédulos. Não devem ligar seus interesses aos do mundo. OE, 395

"Nenhum de nós vive para si." Rom. 14:7. Lembrem os que são tentados a tomar parte na **política**, que todo passo que eles dão tem sua influência sobre outros. Quando pastores, ou outros que ocupem posição de responsabilidade, fazem observações a respeito desses assuntos, não podem recolher os pensamentos que plantaram em outros espíritos. Sob as tentações de Satanás, puseram em operação uma corrente de circunstâncias conducentes a resultados que eles mal sonham. Um ato, uma palavra, um pensamento atirado à mente do grande ajuntamento humano, caso leve a sanção celestial, dará uma colheita de preciosos frutos; mas, se é inspirado por Satanás, fará brotar a raiz de amargura com que muitos serão contaminados. Portanto, os mordomos da graça de Deus, em todo ramo de serviço, estejam alerta quanto a não misturar o comum com o sagrado. OE, 396

Quanto ao mundo, dirão os cristãos: Não nos intrometeremos na **política**. Dirão decididamente: Somos peregrinos e estrangeiros; a nossa cidadania é de cima. TM, 131

Fogo Estranho - Quando o orador, de maneira descuidada se intromete em qualquer parte, tomado pela fantasia, quando fala de **política** ao povo, está misturando fogo comum com o sagrado. Ele desonra a Deus. Não tem verdadeira evidência de Deus de que esteja falando a verdade. Comete para com seus ouvintes um grave mal. Pode plantar sementes que poderão lançar bem fundo suas fibrosas raízes, e elas brotam dando um fruto venenoso. Como ousam os homens fazer isso? Como ousam adiantar idéias quando não sabem com certeza de onde vieram, ou se são a verdade? TM, 337

Prof. Mauro Trivellato